

As línguas clássicas nas Universidades Portuguesas*

O ensino das línguas clássicas na Universidade Portuguesa tem sofrido, nos últimos anos, alguns altos e baixos de acordo com as diversas reestruturações das Faculdades de Letras.

E, para não recuarmos muito no tempo, se o Grego se tem mantido, com alguma estabilidade¹, a sua ligação umbilical ao curso de Filologia Clássica (mais tarde, Línguas e Literaturas Clássicas), já o Latim, imediatamente antes de 1974, pertencia aos *currícula* dos cursos de Filologia Clássica e de Filologia Românica e era, habitualmente, leccionado em conjunto aos alunos destes dois cursos, num total de três anos lectivos — **Latim I, Latim II, Latim III**.

* Os elementos que vamos analisar destinaram-se, inicialmente, à participação na mesa redonda sobre o futuro das Línguas Clássicas, integrada no Congresso **O amor desde a Antiguidade e Clássica**, Coimbra, 31 de Março de 1992 e foram expostos de forma sintética.

A maior parte dos dados que iremos apresentar relativos aos seminários e às várias universidades portuguesas foram-nos gentilmente fornecidos pelas reitorias ou pelos serviços académicos destes estabelecimentos de ensino.

Em alguns casos, porém, esses elementos foram facultados por colegas nossos: Doutor Sebastião Tavares de Pinho (Universidade da Madeira); Doutor Francisco de Oliveira (Universidade Católica - Viseu); Doutora Rosa Maria Goulart (Universidade dos Açores); Dr. Carlos Morais (Universidade do Porto); Dr. Manuel Augusto Naia da Silva (Universidade Nova de Lisboa); Dr. Fernando Brasete (Universidade de Aveiro); Dr. Virgínia Soares Pereira (Universidade do Minho); Dr. António Maria Martins Melo (Faculdade de Filosofia de Braga).

A todos expressamos os nossos agradecimentos.

¹ Apesar da existência de algumas tentativas, felizmente sem êxito, que pretenderam isolar, no curso de Clássicas, o estudo do Grego, do Latim e até da área do Português.

Depois do 25 de Abril de 1974, houve uma restrição significativa no estudo do Latim uma vez que esta disciplina passou a figurar apenas como opção — que poucos alunos escolhiam — no curso de Filologia Românica, para além de se manter, como disciplina obrigatória, no curso de Filologia Clássica.

Este estado de coisas no ensino superior veio a reflectir-se, como é natural, no ensino secundário e o estudo das línguas clássicas também aí foi praticamente abandonado.

Esta situação só começa a ser alterada em 1977/1978 com uma nova reestruturação dos *currícula* das Faculdades de Letras. De facto, a partir desta altura, o curso de Línguas e Literaturas Modernas — nas variantes de Estudos Portugueses, Estudos Portugueses e Franceses, Estudos Portugueses e Espanhóis e Estudos Portugueses e Italianos — passa a ter como parte integrante do seu *curriculum* as disciplinas de **Latim I (Língua e Cultura)** e **Latim II (Língua e Cultura)**.

Mais tarde esta situação veio ainda a ser melhorada com a introdução destas duas cadeiras nas variantes que incluem o Português, nomeadamente Estudos Portugueses e Ingleses² e Estudos Portugueses e Alemães.

Esta reestruturação a todos os títulos positiva, no que diz respeito às línguas clássicas, veio colocar as Faculdades de Letras do país diante de um novo problema. De facto, os alunos que nesse ano e nos anos seguintes ingressaram no curso de Línguas e Literaturas Modernas não tinham frequentado — salvo raríssimas excepções — a disciplina de Latim no Ensino Secundário. Perante este facto, sentiu-se a necessidade

² Por dificuldades de integração curricular, esta variante integra apenas a disciplina de Latim I (Língua e Cultura).

imperiosa de começar a ministrar naquelas disciplinas curriculares cursos de iniciação à Língua Latina³.

O problema não apresentava uma fácil resolução tanto mais que se tinha entrado num círculo vicioso. As Faculdades davam iniciação porque os alunos não tinham Latim no ensino secundário e, por sua vez, os alunos não estudavam Latim no secundário porque sabiam que na Faculdade lhes possibilitariam a iniciação a esta língua.

Esta situação de impasse tinha, porém, potencialidades para ser resolvida. De facto, em termos legislativos os alunos tinham hipóteses de escolher, no ensino secundário, a disciplina de Latim em alternativa a Língua estrangeira II⁴. Bastava para tanto que as Faculdades tivessem a coragem de fazer a exigência desta língua para o ingresso no Ensino superior.

Foi isso o que se verificou embora a situação tivesse demorado algum tempo a normalizar e ainda hoje apareçam, esporadicamente, alguns alunos que nunca frequentaram esta língua no ensino secundário.

No que se refere às variantes de Estudos Portugueses e Ingleses e Estudos Portugueses e Alemães o problema é um pouco mais complicado e ainda hoje não está completamente resolvido, uma vez que

³ Lembremos que esta situação deu origem ao aparecimento de uma novo manual: Carlos Alberto Louro Fonseca, *Iniciação ao Latim*, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1977. Este livro foi sofrendo sucessivas melhorias e acrescentos e vai já, como é sabido, na sua quinta edição, agora com outro nome: *Sic itur in Urbem. Iniciação ao Latim*, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 5 1991.

⁴ Lembremos que a posição do Latim nem sempre foi esta e, em determinada altura, chegou mesmo a estar muito crítica quando quer o Latim e quer o Grego figuraram apenas como opções nos *curricula* do ensino secundário.

A melhoria só se verificou após complicadas negociações com o Ministério da Educação que culminaram numa audiência com o próprio ministro da Educação, Dr. Sottomayor Cardia.

esta exigências só podem começar a vigorar três anos depois de terem sido feitas.

Estamos, pois, na actualidade perante uma situação bastante mais confortável e as perspectivas, em nossa opinião, apontam ainda para algumas melhorias, embora não muito significativas.

Esta nossa perspectiva moderadamente optimista tem a ver com as Universidades que ainda não têm a Língua Latina nos seus *curricula* de Línguas e Literaturas Modernas (ou a incluem de forma deficiente) e, sobretudo, com as Universidades que ainda não exigem o Latim como condição específica para o ingresso nestes mesmos cursos. Não temos a veleidade de pensar que todas irão melhorar neste aspecto, pelo menos a breve prazo, mas, ainda que só algumas o façam, a situação só pode evoluir para melhor, quer no que diz respeito ao Ensino Secundário, quer no referente ao Ensino Superior.

Pensamos até que a evolução mais positiva se deve vir a verificar no Ensino Secundário e isto por duas ordens de razões: a primeira já a apontámos acima e tem a ver com as universidades que venham a fazer a exigência desta língua para o ingresso nos seus cursos; a segunda diz respeito a um melhor conhecimento que os alunos do ensino secundário vão tendo das exigências para o ingresso na universidade e a consequente pressão nas escolas secundárias para que lhes seja facultada esta disciplina.

Vejanos, porém, os dados disponíveis sobre a frequência de Latim e de Grego nos ensinos secundário e superior.

No que diz respeito ao ensino secundário, os elementos facultados⁵ são relativos ao ano de 1987/1988.

Neste ano, matricularam-se em Latim no 10º, como cadeira obrigatória do *curriculum* 2925 alunos e escolheram esta cadeira como

⁵ Estes dados foram obtidos através do Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Educação e dizem respeito apenas ao Continente, uma vez que não nos forneceram indicações relativas nem aos Açores, nem à Madeira.

opção 875 alunos. No 11.º, escolheram Latim como cadeira obrigatória 2123 alunos e, como opção, 692. Finalmente, no que se refere ao 12.º ano escolheram Latim como opção dos seus cursos 522 alunos.

Quanto ao Grego, os números são substancialmente mais reduzidos, tanto mais que esta disciplina só pode ser frequentada como opção. Assim, no 10.º escolheram Grego 154 estudantes; no 11.º optaram por esta disciplina 823 alunos e, para terminar, no 12.º foram 522 os estudantes que se inscreveram nesta disciplina de Língua Grega.

Lembremos ainda que estes elementos se referem apenas ao ensino secundário oficial.

Vejamos agora dois quadros que resumem estas situações:

LATIM:

Ano	10º ano	11º ano	12º ano	TOTAL
Obrigatório	2925	2123	—	5048
Opção	875	692	522	2089
Total	3800	2715	522	7137

GREGO:

Ano	10º ano	11º ano	12º ano	TOTAL
Opção	154	823	522	1499

Repare-se na particularidade de a disciplina de Grego ter um número muito maior de alunos no 11.º ano, ao contrário do que acontece com o Latim. Assinale-se ainda o número coincidente de alunos que escolheram estas duas disciplinas no 12.º ano.

A passagem do ensino secundário para o ensino superior é marcada actualmente pelas condições de acesso aos vários cursos e, no que se refere a estas duas disciplinas, há a possibilidade de três alternativas, entre as quais se podem contar duas exigências por parte das universidades.

Na realidade, os estabelecimentos de ensino superior podem não fazer qualquer exigência no que se refere ao Latim e ao Grego; podem exigir a frequência destas duas disciplinas ou só do Latim no ensino secundário ou podem ainda solicitar a realização de uma prova específica em qualquer uma destas matérias.

Como teremos oportunidade de ver, as três situações são possíveis e, dentro delas, ainda poderemos encontrar algumas variantes.

Assim, podemos ficar desde já a saber que as Escolas Superiores de Educação e os Institutos Politécnicos não fazem qualquer exigência de Latim (e muito menos de Grego) em relação ao ensino secundário e também não ministram nenhum ensinamento desta língua, mesmo nos cursos que dão habilitação para o ensino da língua portuguesa, ou de Português-Francês e de Português-Inglês.

Também não fazem qualquer menção da frequência de Latim no secundário as Faculdades de Direito do país, mesmo que incluam nos seus *currícula* a cadeira de **Direito romano**.

No que se refere à área de Letras, encontramos também alguns estabelecimentos que, nesta área, não fazem exigências em relação ao ensino secundário. Estão neste caso, as universidades de Aveiro (excepto para o curso de Português, Latim e Grego, como veremos), Évora, Minho e Nova de Lisboa⁶ (esta com uma hipotética excepção, que analisaremos em tempo oportuno).

Vejamos, agora, curso a curso, as exigências feitas pelos estabelecimentos do ensino superior com a ressalva dos já mencionados por não se referirem a estas disciplinas⁷.

⁶ A partir de agora passamos a designá-la abreviadamente por Nova.

⁷ Os dados que vamos apresentar em seguida foram recolhidos nos vários *Guias de Acesso ao Ensino Superior* e seus suplementos que apresentam estas datas de publicação: Guia de 89 — Dezembro de 88 e Março de 1989 (suplemento); Guia de 1990 — Março de 1990 e Junho de 1990 (suplemento); Guia de 1991 — Junho de 1990 e Maio de 1991 (suplemento); Guia de 1993 — Junho de 1990. Não foi ainda publicado o Guia de 1992.

O curso de Línguas e Literaturas Clássicas, que assume nomes diferentes de universidade para universidade, mas implica sempre o estudo de latim, grego e português, é ministrado em Aveiro, Coimbra e Lisboa e exige-se sempre a frequência do 10º e 11º anos de Latim e de Grego no ensino secundário. A Universidade de Coimbra passou também a exigir, a partir de 1993, a frequência do 12º destas duas disciplinas.

Os candidatos a este curso têm ainda que se sujeitar a uma prova específica de Latim e outra de Grego no que se refere a Coimbra e Lisboa. Aveiro, estranhamente, começou por exigir em 89, 90 e 91 uma prova específica de Literatura Portuguesa e para 93 uma prova específica de Literatura Portuguesa e outra de Latim.

Como todos sabemos, o curso de Línguas e Literaturas Modernas engloba muitas variantes e as situações são bastante diferenciadas.

Começemos pela variante de Estudos Portugueses (ou semelhantes com outras designações) que é ministrada em Coimbra, Lisboa, Madeira, Minho, Nova e Porto. A frequência de Latim a nível do 10º e do 11º ano é exigida por Coimbra, Lisboa, Madeira (a partir de 90) e Porto⁸. Além disso, Porto tem vindo a exigir, desde 90, uma prova específica de Latim e Lisboa passou também a fazer essa exigência a partir de 93.

A variante de Estudos Portugueses e Franceses existe nas Universidades dos Açores, Algarve, Aveiro, Coimbra, Évora, Lisboa, Madeira, Minho, Nova, Porto e Trás-os-Montes e Alto Douro

A maior parte destes dados foram já publicados neste *Boletim de Estudos Clássicos*, 14 em *Informações* facultadas por Ana Maria Valente.

8 Coimbra também faz depender o ingresso neste curso da frequência de História ou Grego no secundário; Lisboa, por seu lado, faz uma exigência semelhante, mas os alunos têm a possibilidade de escolher outros disciplinas além das indicadas acima.

(U.T.A.D.). O Latim (sempre 10º e 11º anos) é exigido por Açores, Algarve⁹, Coimbra, Lisboa, Madeira¹⁰, Porto e U.T.A.D.¹¹.

Os Estudos Portugueses e Espanhóis encontram-se em funcionamento em Coimbra, Lisboa e Madeira e para todas é exigido o Latim¹². Lisboa passou também a exigir uma prova específica de Latim com início em 1993.

A variante de Estudos Portugueses e Italianos só pode ser frequentada em Coimbra e Lisboa e, em ambos os casos, se exige a frequência de Latim no ensino secundário¹³.

Os alunos que optem por Estudos Portugueses e Ingleses só a partir do ingresso em 1993 têm que possuir frequência de Latim nos Açores, Coimbra e Lisboa. Estranho é o caso da Universidade Nova que, para 91 e 93 exigiu a frequência de Latim, mas só do 12º ano e incluiu também uma prova específica de Latim com o programa desse mesmo ano. Pensamos, porém, que se trata de um lapso pois o suplemento ao Guia para 91 já não inclui estas exigências e, possivelmente, o suplemento ao de 93 irá fazer idêntica correção.

A variante de Estudos Portugueses e Alemães encontra-se em funcionamento em Coimbra, Lisboa, Madeira, Minho, Nova e Porto. Só Coimbra e Lisboa (e apenas a partir de 93) exigem Latim.

Os Estudos Ingleses e Alemães poderão ser frequentados em Algarve, Aveiro, Coimbra, Lisboa, Madeira, Minho, Nova, Porto e U.T.A.D.. Estranhamente só Lisboa exige Latim (a partir de 1993),

⁹ A partir de 1991, mas não há informação referente a 93.

¹⁰ A partir de 90.

¹¹ A partir de 93.

¹² Na Madeira, a partir de 90. Coimbra faz também a exigência de uma das seguintes disciplinas: História ou Grego; em Lisboa, o leque de opções é mais lato, mas também inclui o Grego

¹³ Coimbra exige também para este curso que os alunos frequentem no ensino secundário a disciplina de História ou a de Grego e Lisboa, entre outras alternativas possíveis, inclui também o Grego.

embora nos pareça que a falta desta exigência por parte de Coimbra se fica a dever a um engano ou na composição do Guia de Acesso ou na indicação que a Faculdade enviou.

As variantes de Estudos Franceses e Ingleses e de Estudos Franceses e Alemães são ministradas em Coimbra, Lisboa, Madeira e Porto. No entanto só Coimbra e Lisboa (e apenas a partir de 93) exigem Latim.

A Universidade de Lisboa tem ainda três cursos que não surgem em nenhuma outra universidade. A nível de exigências, o de Linguística tinha o Latim como uma alternativa (Alemão, Francês, Inglês ou Latim) em 89 e 90. Em 91, esta disciplina passou a ser condição específica para em 93 voltar à condição de alternativa. Tem ainda as variantes de Estudos Franceses e Espanhóis e Estudos Franceses e Italianos que até 91 não exigiam Latim, mas, a partir de 93, passaram a ter esta língua como condição específica.

Falta ainda fazer referência a mais alguns cursos das Faculdades de Letras ou unidades semelhantes. Começemos pela área da História, com os cursos que se apresentam como suas variantes (História, Arqueologia, História da Arte, História e Ciências Sociais).

Esta área pode ser frequentada nos Açores, Coimbra, Évora, Lisboa, Minho, Nova e Porto. Também aqui só Coimbra e Lisboa (a partir de 93) exigem o Latim.

Finalmente, temos a área da Filosofia com diferentes designações (Filosofia, Teoria das Ideias, História e Filosofia), que pode ser frequentada nos Açores, Coimbra, Lisboa, Nova e Porto. Mais uma vez, vamos encontrar apenas duas universidades (Coimbra e Lisboa) que fazem a exigência do Latim e também aqui só a partir de 93.

Ultrapassada a fase de ingresso no ensino superior, vamos deparar com uma série variada de cursos que incluem no seus *currícula* o Latim e o Grego.

Começemos pelos cursos de Teologia uma vez que se afirma com muita frequência que os estudos teológicos abandonaram o estudo destas disciplinas. Esta afirmação, embora não seja totalmente verdade, está bastante próxima da realidade, sobretudo se tivermos em atenção tempos não muito afastados.

Embora os dados de que dispomos não sejam completos, podemos concluir que, na melhor das hipóteses, os alunos matriculados nestes cursos têm frequência de 10º, 11º e 12º de Latim e Grego e ainda um ano de Latim (Latim Eclesiástico, Latim Cristão) e outro de Grego Bíblico já no Curso Teológico.

Esta é, como dissemos, a melhor das hipóteses porque, em alguns casos, se limitam ao estudo destas disciplinas no ensino secundário e, em casos extremos, a um ano de estudo de Grego e dois de Latim, já no ensino superior.

Assim, em Évora, o curso teológico inclui dois semestres de Latim e dois de Grego; em Leiria, há apenas um ano de Grego Bíblico; na Guarda, há um semestre de Grego Bíblico e um ano de Latim Eclesiástico; em Coimbra, há um ano de Latim da Era Cristã e um ano de Grego Bíblico; em Lisboa, na Universidade Católica, o curso de Teologia inclui um ano de Grego no propedêutico, um segundo ano de Grego e um semestre de Grego Bíblico; quanto ao Latim, aparece também no ano propedêutico, e mais dois anos no curso teológico; além disso, o curso de Ciências Religiosas apresenta um ano de Grego e outro de Latim no propedêutico; em Braga, há um ano de Latim e outro de Grego Bíblico e, finalmente, no Porto, na Universidade Católica, funcionam cadeiras de iniciação ao Latim e ao Grego e ainda uma outra cadeira anual de Latim.

Como se pode ver, o panorama não é muito animador e, na maior parte dos casos, os alunos que frequentam estes cursos limitam-se, após o ensino secundário — quando têm estas duas disciplinas — a breves abordagens às línguas clássicas.

Continuemos no campo das universidades privadas e, mais especificamente, na Universidade Católica. Esta universidade tem, espalhados por diferentes núcleos, vários cursos que incluem Latim e Grego. Assim, em Braga, para além do curso de Teologia, a que já nos referimos, tem, na Faculdade de Filosofia, o curso de Línguas Clássicas. Este curso inclui as disciplinas de Grego I (60 alunos), Grego II (106), Iniciação ao Latim (99), Latim I (66), Latim II (78), e Latim III (91), num total de 166 alunos a Grego e 244 a Latim.

O núcleo de Viseu apresenta dois cursos em que as línguas clássicas fazem parte dos *currícula*. Trata-se do curso de Humanidades que inclui Grego - propedêutico (32), Grego I (55), Grego II (34), Grego III¹⁴ (18), Latim-propedêutico (35), Latim I (42), Latim II (36), Latim III (44) e Latim IV¹⁵ (24). Além disso, apresenta também o curso de Português-Francês que inclui Latim—propedêutico (45), Latim I (57) e Latim II (31). No total, o núcleo de Viseu da Universidade Católica tem 139 alunos de Grego e 314 alunos de Latim.

O núcleo de Lisboa, para além dos elementos já referidos, tem também um curso anual de Latim no ano propedêutico de Direito e um curso anual de Grego no ano propedêutico de Filosofia.

Não dispomos de elementos para o curso de Direito no Porto, nem para o núcleo da Madeira.

Ainda no que se refere às universidades privadas, temos também elementos da Universidade Autónoma de Lisboa " Luís de Camões ". Aqui, ao que supomos, no curso de Português-Francês, há as disciplinas de Latim Elementar (152), Latim I (74) e Latim II (81), num total de 307 alunos.

Passemos, agora, para as universidades estatais e façamos a apresentação dos dados por ordem alfabética.

14 Esta disciplina funciona como opção.

15 Assinale-se a existência de um quarto ano dedicado ao estudo do latim, caso único no país.

Começemos, então, pela Universidade dos Açores. Aqui vamos encontrar apenas a disciplina de Latim nos cursos de Português-Francês e de Português-Inglês, quer na modalidade chamada científica, quer na de ensino. Em qualquer dos casos, vamos encontrar dois anos de Latim. A variante de Português-Francês apresenta os seguintes elementos: Latim I (32) e Latim II (20); por sua vez, em Português-Inglês, os números são estes: Latim I (37), Latim II (4). O total de alunos matriculados em Latim nesta universidade é de 93.

A Universidade do Algarve só agora começou a administrar a disciplina de Latim, mas também aqui ela faz parte do *currícula* do curso de Português-Francês e do curso de Português-Inglês. Neste último, em que funciona ao nível de Iniciação estão inscritos 40 alunos e no primeiro matricularam-se 39, atingindo-se assim o total de 79.

Em Aveiro, são três os cursos em que as línguas clássicas são ensinadas: Português, Latim e Grego; Português-Francês e Português-Inglês. Nestes dois últimos, a língua latina é dada, durante um ano lectivo, ao nível de iniciação e tem respectivamente 61 e 69 alunos. No caso específico do curso de Português, Latim e Grego deparamos com os seguintes elementos: Língua Grega I (73), Língua Grega II (32), Língua Grega III (29); Língua Latina I (45), Língua Latina II (31) e Língua Latina III (29). Deste modo, na Universidade de Aveiro, vamos encontrar 134 alunos matriculados em Grego e 235 matriculados em Latim.

Em Coimbra, são vários os cursos e variantes que incluem o Latim e o Grego nos seus *currícula*. Começemos pelo curso de Línguas e Literaturas Clássicas que apresenta, para além das opções que adiante mencionaremos, três anos para o estudo de cada uma destas línguas, com esta discriminação: Grego I (82), Grego II (50), Grego III (31), Latim I (74), Latim II (42), Latim III (38).

O curso de Línguas e Literaturas Modernas apresenta habitualmente dois anos de latim nas variantes que incluem o Português, com a excepção de Português-Inglês em que esta disciplina ocupa apenas

um ano lectivo. Em qualquer dos casos o nome da cadeira acrescenta sempre como subtítulo *Língua e Cultura*, pelo que nos dispensaremos de fornecer esta indicação nos elementos que vamos apontar. A distribuição por variante e por disciplina é a seguinte: Estudos Portugueses — Latim I (126), Latim II (84); Estudos Portugueses e Franceses — Latim I (120), Latim II (89); Estudos Portugueses e Espanhóis — Latim I (20), Latim II (6); Estudos Portugueses e Italianos — Latim I (26), Latim II (8); Estudos Portugueses e Alemães — Latim I (33), Latim II (12); Estudos Portugueses e Ingleses — Latim I (107).

Há ainda um curso de pós-graduação que inclui uma cadeira de Iniciação ao Latim para os alunos que não apresentam esta disciplina no seu *curriculum*. Trata-se do Curso de Especialização em Ciências Documentais que tem 23 alunos matriculados.

Além disso, há ainda quatro disciplinas de opção ligadas às línguas clássicas. Trata-se de Iniciação ao Grego (7), Iniciação ao Latim (12), Latim Medieval (42) e Latim Renascentista (2).

Todo este conjunto permite obter o total de 170 alunos matriculados em Grego e 874 em Latim.

A Universidade de Évora, que não exige frequência de Latim para o ingresso assegura esta disciplina nos cursos de Português-Francês e de Português-Ingles. Em qualquer caso, trata-se de uma cadeira dividida por apenas dois semestres lectivos e apresenta para o primeiro curso 76 alunos e, para o segundo, 65, o que perfaz o total de 141.

Na Universidade de Lisboa, a existência destas duas disciplinas é bastante paralela com a de Coimbra, embora os elementos de que dispomos não desçam a tantos pormenores.

Começamos também pelo curso de Línguas e Literaturas Clássicas que apresenta os seguintes dados: Grego Elementar (15),

Grego I (41), Grego II (19), Grego III (13), Latim I (37), Latim II (16) e Latim III (7)¹⁶.

Para o curso de Línguas e Literaturas Modernas funciona também uma cadeira de Latim Elementar (49) e, além disso, na antiga área das línguas românicas, encontramos Latim I (241) e Latim II (208) e, na área de estudos anglo-germanísticos, Latim I (198) e Latim II (101).

Chegamos, assim, a um total de 88 alunos a frequentar Grego e 857 a frequentar Latim.

A Universidade da Madeira que, na área que nos interessa, só tem ainda em funcionamento o 1º e o 2º anos, apresenta algumas particularidades que temos muito gosto em assinalar. Assim, a variante de Estudos Portugueses tem já em funcionamento Latim I (23) e Latim II (15) e vai ainda incluir Latim III, que só entrará em funcionamento no próximo ano lectivo. Além disso, esta variante inclui também como disciplinas curriculares Grego I (25), Grego II (14) e Grego III (a ser leccionada, pela primeira vez, no próximo ano. Acresce, ainda, que o *curriculum* inclui as disciplinas de Literatura Latina I (no 2º ano) e Literatura Latina II (no 3º ano).

As variantes de Português-Francês e de Português-Espanhol apresentam Latim I (25) e Latim II (15).

Temos ainda a variante de Português-Ingles — Latim I (33), Latim II (11) — e de Português-Alemão — Latim I (12) e Latim II (12).

Temos, pois, 39 alunos inscritos em Grego e 146 em Latim.

A Universidade do Minho também tem no seu *curriculum* dois anos de Latim nos cursos que incluem a língua portuguesa. Assim, nas variantes de Português, Português-Francês e Português-Alemão, na cadeira de Latim I (Língua e Cultura) estão matriculados 160 alunos e em Latim II (Língua e Cultura) — variantes de Português e Português-Francês — encontramos 80, o que perfaz o total de 240 alunos.

16

Registe-se o número bastante reduzido de alunos que frequentam o curso de Clássicas na Universidade de Lisboa.

Lembremos, entretanto, que esta universidade não faz qualquer exigência no que diz respeito à frequência desta disciplina no ensino secundário.

A Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa tem, neste momento, a língua latina para as variantes de Estudos Portugueses e de Estudos Portugueses e Franceses. No entanto, como o conhecimento desta língua a nível do ensino secundário, não faz parte das exigências desta Faculdade, tem em funcionamento um esquema próprio na variante de Estudos Portugueses. Assim, os alunos que nunca tiveram latim têm que frequentar no 1º ano Latim Elementar sem com isso ficarem libertos dos outros dois anos desta disciplina. Há, ainda, a hipótese de uma opção em Latim III.

Deste modo, na variante de Estudos Portugueses é esta a distribuição dos alunos matriculados: Latim Elementar — 1º ano — (114); Latim I — 1º ano — (22); Latim I — 2º ano — (70); Latim II — 2º ano — (21); Latim II — 3º ano — (68) e Latim III — opção do 3º ano — (20). Quanto à variante de Estudos Portugueses e Franceses é esta a situação: Latim Elementar — 1º ano — (73); Latim I — 1º ano — (27); Latim I — 2º ano — (105); Latim II — 2º ano — (10).

O total de alunos matriculados em Latim atinge o total de 520. Vejamos agora a situação desta língua na Universidade do Porto.

Em termos gerais, existem dois anos de Latim nas variantes que incluem Português, mas o Latim I existe também como opção para os cursos de Arqueologia e de História e como cadeira obrigatória no curso de Especialização em Ciências Documentais. Saliente-se, ainda, que na variante de Estudos Portugueses a disciplina de Latim I é ministrada em seis horas semanais.

Passemos agora à descrição em pormenor e comecemos por Estudos Portugueses: Latim I — 157; Latim II — 135; variante de Português-Francês: Latim I — 212; Latim II — 169; variante de Português-Inglês: Latim I (Iniciação) — 128; Latim II — 81; variante de Português-Alemão: Latim I (Iniciação) — 61; Latim II — 46. No

curso de História, como cadeira de opção a disciplina de Latim I (Iniciação) tem 24 alunos na variante de Arqueologia e I na variante de História. Finalmente, esta mesma disciplina, no curso de Ciências Documentais, é frequentada por 24 alunos.

Assinale-se ainda que a Universidade do Porto é a que apresenta o maior número de alunos matriculados em Latim — 1029.

Lembremos, também, que até há pouco, funcionou nesta universidade, como cadeira de opção, a disciplina de Iniciação ao Grego, que actualmente não tem nenhum aluno inscrito.

Para terminar, passemos em revista a situação do Latim na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Esta disciplina é cadeira obrigatória durante dois anos no curso de Português-Francês e apresenta a seguinte frequência: Latim I — 98 alunos; Latim II — 71 alunos. O total de inscritos é de 169.

Após esta extensa lista de escolas, de cursos e de números que conclusões será possível extrair?

Em primeiro lugar, parece-nos legítimo concluir que a situação do Latim no ensino superior não é tão má como se poderia pensar.

É evidente que há — alguma vez deixará de haver? — muito ainda a fazer, mas, pelo menos, podemos considerar que grande parte da responsabilidade pela situação desta disciplina passou para as mãos daqueles que lhe dedicam algum amor — os docentes formados em línguas clássicas.

Há, porém, uma medida que viria melhorar de forma significativa a situação do Latim em Portugal. Trata-se, naturalmente, da exigência desta disciplina, a nível do ensino secundário, para todos os cursos da área de Letras¹⁷, a exemplo do que já fizeram, para os cursos que se iniciam a partir de 1993, as Faculdades de Letras de Coimbra e de Lisboa.

De facto, uma medida deste género viria modificar de maneira substancial a frequência da disciplina de Latim no ensino secundário. Ora,

17 Isto para não falarmos das Faculdades de Direito, pois seria meter a foice em seara alheia.

como sabemos, há algumas universidades que ainda não fazem qualquer tipo de exigência deste género, mesmo em cursos que dão habilitação para leccionar português: É o caso de Aveiro (excepto o curso de Clássicas), Évora, Minho e Nova de Lisboa, para não mencionarmos já as Escolas Superiores de Educação e os Institutos Politécnicos.

Por outro lado, surgem também alguns casos em que, no ensino superior, esta disciplina só faz parte do *currículum* durante um ano, com a agravante de, quase sempre, não ter havido frequência desta disciplina no ensino secundário. É o caso de Aveiro e Évora (Português-Francês e Português-Inglês), Coimbra (Português-Inglês¹⁸) e, possivelmente, Minho (Português-Alemão¹⁹).

Importa ainda realçar o primeiro lugar em número de alunos do curso de Clássicas que pertence à Faculdade de Filosofia de Braga, da Universidade Católica, com 166 alunos a Grego²⁰ e 244 a Latim.

Para terminar, nunca será demais recordar o bom exemplo fornecido pela Universidade da Madeira na sua variante de Estudos Portugueses que inclui três anos de latim, três anos de Grego e dois anos de Literatura Latina.

Oxalá este bom exemplo possa dar alguns frutos em outras universidades.

João Manuel Nunes Torrão

18 Até agora tem funcionado em regime de iniciação, mas, a partir de 1993, já estará em vigor a exigência de Latim no 10º e 11º anos do secundário.

19 Infelizmente, não tivemos oportunidade de confirmar os dados referentes a este último caso.

20 Registe-se, no entanto, que, infelizmente, esta disciplina só é ministrada durante dois anos lectivos.

João S. Soares, *Latim 1. Iniciação ao Latim e à Civilização Romana*. 2ª edição revista e actualizada. Livraria Almedina, Coimbra, 1991.

Na nossa procura de material pedagógico-didáctico para o ensino do Latim e do Grego, voltamo-nos, muitas vezes, para os países estrangeiros, nomeadamente para Espanha, França, Inglaterra, Alemanha e Itália. Mas, deparámos, habitualmente, com uma situação que torna difícil a nossa escolha. De facto, em qualquer destes países, a oferta é tão grande e tão variada que a dificuldade maior acaba por ser a selecção a fazer.

Se nos voltarmos, porém, para o mercado livreiro nacional, a dificuldade é de natureza inversa, isto é, o problema, muitas vezes, é encontrar nas livrarias mais do que uma opção adaptada ao ensino secundário. Na realidade — para não falarmos, naturalmente, do *Sic ilur in Vrbern* de Carlos Alberto Louro Fonseca, por não ter em conta os programas do 10º e do 11º anos —, nas livrarias portuguesas deparamos apenas, no âmbito do Latim, com a *Inítia Latina* nas suas novas roupagens e com o presente livro de João Soares.

No âmbito do Grego, como todos sabemos, o panorama é ainda mais desolador.

Assim, se mais razões não houvesse para saudar o autor deste livro, esta seria mais do que suficiente para o fazermos, nomeadamente por ter a coragem de apresentar um outro método e de se sujeitar ao confronto com um livro tão utilizado como é caso da *Inítia Latina*.